



In Memoriam

Francesco Esposito
(13.1.1964 - 20.7.2020)

EM MEADOS DE JULHO DO PRESENTE ANO, fomos surpreendidos, tal como toda a comunidade musicológica, pela triste notícia da inesperada morte de Francesco Esposito. Tínhamo-nos falado em finais de Fevereiro. Ele acabara de proferir uma conferência num ciclo dedicado às comemorações da Revolução de 1820, expressava também entusiasmo pelo trabalho sobre Rossini que iniciara... Discutimos a epidemia de Covid-19, então no seu início, os compromissos profissionais que provavelmente teriam de ser adiados... A conversa ficou em aberto, como sempre. Dificilmente imaginávamos que era o fim de um diálogo profissional e de uma amizade com mais de vinte anos.

Conhecemos Francesco Esposito em 1997, quando ele procurou Manuel Carlos de Brito, a fim de indagar as possibilidades de realização de uma tese de doutoramento em Portugal, como seu orientando. Estávamos nos primeiros anos da nova política de apoio à investigação implementada pelo ministro Mariano Gago e havia bolsas para realização de estudos doutorais, abertas tanto a investigadores portugueses como estrangeiros. Vindo de Nápoles, a sua cidade natal, tinha concluído os estudos de piano no Conservatório de Avellino (1985) e uma licenciatura em «Lettere Moderne» (1994), no então Istituto Universitario Orientale, com uma tese em História da Música («L'aggiornamento della cultura pianistica napoletana dell'Ottocento: Francesco Lanza»), sob a orientação de Agostino Ziino. Enveredara, desde jovem, pelo ensino da Educação Musical, profissionalizando-se em 1992, mas a curiosidade intelectual empurrava-o para a investigação musicológica.

Quando começou a tentar perspectivar um tema para o doutoramento, Esposito pensava trabalhar sobre a herança de João Domingos Bomtempo e sobre uma possível escola de piano portuguesa no século XIX. Cedo, porém, se tornou óbvio que os materiais eram escassos e o tema começou a metamorfosear-se. Do pianismo, passou a estudar a actividade concertística. No final, terminou contribuindo de forma decisiva e inovadora para a compreensão do associativismo que marcou a vida

musical da Lisboa liberal. O título do projecto de investigação a que se dedicava à data em que foi surpreendido pela morte corresponde, na verdade, ao problema que, desde há duas décadas, constituía o cerne da sua atenção e daquilo que, após o seu falecimento, devemos considerar o seu legado: «Ser músico em Portugal».

Para a realização do doutoramento, fixou-se em Lisboa, onde residiu permanentemente durante mais de dez anos. Inteligente, profundo e meticuloso no seu trabalho, a investigação ocupou-lhe, naturalmente, muito mais tempo do que os quatro anos que a bolsa FCT contemplava (1998-2002). A necessidade, mas também o gosto por transmitir o que sabia, levou-o então a leccionar em vários estabelecimentos de ensino, ao sabor das oportunidades: Escolas Superiores de Educação de Setúbal e de Lisboa, Escola Superior de Música de Lisboa, Departamento de Ciências Musicais (NOVA FCSH), Conservatório Nacional de Lisboa, Academia Nacional Superior de Orquestra. Redigiu também notas de programa para concertos da Casa da Música do Porto e do Teatro Nacional de S. Carlos, colaborou com diversos dicionários, incluindo *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, *Die Musik in Geschichte und Gegenwart* e *Dizionario biografico degli Italiani*. Durante muito tempo, negava-se a admitir a importância do trabalho que levava a cabo, procurando ir sempre mais longe. Passava quase todo o tempo livre na Biblioteca Nacional. Lia e relia os jornais que se tinham publicado na Lisboa do período liberal, bem como a documentação de arquivo, muita dela só pouco tempo antes disponibilizada aos investigadores. E, como ele próprio afirmava anos depois, não conseguia perceber onde o levava a quantidade cada vez mais significativa de dados que tinha em mãos. Até que um dia...

Defendida a tese no início de 2009, obteve ainda nesse ano uma bolsa de pós-doutoramento para estudar o *tour* concertístico no século XIX e Portugal como etapa das *tournées* de virtuosos internacionais, com particular incidência em Liszt e Thalberg (2009-2015). Começa então, verdadeiramente, a sua afirmação como musicólogo, ancorada num amplo reconhecimento do contributo dado pela sua tese que, após ser traduzida para português e alvo de prolongadas revisões, viria a ser publicada com o título «*Um Movimento Musical como nunca houve em Portugal*»: *Associativismo musical e vida concertística na Lisboa liberal, 1822-1853* (Colibri - CESEM, 2016). Participou em inúmeros congressos na Europa e no Brasil, escreveu vários artigos para revistas internacionais. O seu ensaio «“Liszt al rovescio”: La difficile relazione del pianismo portoghese di metà Ottocento con i modelli stranieri» foi vencedor da quinta edição do Prémio Liszt (Fondazione Liszt de Bolonha, 2011). Integrou e colaborou com equipas de projectos de investigação: «O Teatro de S. Carlos: As artes do espectáculo em Portugal» (CESEM, NOVA FCSH, 2006), «Estudos de música instrumental em Portugal: 1755-1834» (Universidade de Évora, 2008) e «Musicología aplicada al concierto clásico en España (siglos XVIII-XXI)» (Universidad de La Rioja, 2015-7). Tudo

isto apesar de, em 2012, lhe ter sido diagnosticada uma doença oncológica, perante a qual tomou a decisão de nunca interromper a actividade profissional.

O fim da bolsa de pós-doutoramento, a inexistência de possibilidades de trabalho estável em Portugal, bem como razões familiares, fizeram-no regressar a Nápoles e à sua vaga de professor do ensino público, tendo desta vez optado por leccionar italiano e latim. Mas não cessou de procurar novas oportunidades para prosseguir a sua investigação. Obteve uma bolsa de curta duração da Fundação Calouste Gulbenkian (2016) e, desde finais de 2018, tornou-se investigador co-responsável do projecto «PROFMUS, Ser músico em Portugal: A condição socioprofissional dos músicos em Lisboa 1750-1985» (INET-md, NOVA FCSH).

Membro de longa data do CESEM e do Caravelas-Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira, mais recentemente também do INET-md, a sua trajectória académica ficou indelevelmente ligada à NOVA FCSH e à investigação que dela emana. O seu percurso, com a falta de estabilidade inerente, ilustra as difíceis condições em que trabalham muitos investigadores. Mas é também exemplo de como, em condições adversas, mesmo sem bolsa, o amor pelo trabalho de investigação permite seguir em frente. Mais do que isso, a sua produção científica mostra que nas Ciências Humanas, reflexões verdadeiramente profundas sobre realidades pouco estudadas são incompatíveis com níveis de produção e publicação acelerados. Não fora a minúcia com que Francesco Esposito analisava as fontes, o rigor com que testava cada nova hipótese, sem pressas nem concessões a modas, e dificilmente teríamos hoje à nossa disposição um *corpus* de textos da sua lavra que são já uma referência.

Detentor de sólidas bases culturais, tímido, mas extremamente sociável com os que lhe eram próximos (o que era visível no seu amplo grupo de amigos em Itália e em Portugal), Francesco Esposito era dotado de uma grande generosidade. Como escreveu um querido amigo e colega italiano (G.O.), «Ci manca già profondamente la sua intelligenza, il suo distacco ironico, la sua profonda umanità. Ciao Francesco».

Luísa Cymbron e Manuel Carlos de Brito

Lisboa, Setembro de 2020

